



SOBRE O REENCONTRO DO 2º. ENJEL – POÁ/SP – 8 de dezembro de 2018

“ninguém larga a mão de ninguém”

*A pulsação do mundo é
O coração da gente
O coração do mundo é
A pulsação da gente
Ninguém nos pode impor, meu irmão
O que é melhor pra gente
Milton Nascimento, 1980*

Realizamos, a 8 de dezembro de 2018, um Reencontro com algumas das Juventudes que se congregaram em Poá de 8 a 10 de setembro de 2017 para o 2º. ENCONTRO DE JUVENTUDES E ESPIRITUALIDADE LIBERTADORA.

Nossa motivação foi a virada do quadro político no Brasil, após o resultado das eleições de 2018, e a necessidade de trocar sentimentos, pensamentos, e pensar juntxs em estratégias que integram a fé e a cidadania, assim como nos abraçarmos, darmos as mãos e rezarmos juntos, renovando nossas forças na fé comunitária.

O Reencontro contou com a participação de 15 lideranças, um número pequeno, mas significativo, que reforça a importância da representatividade das comunidades locais e também da força geradora de estar juntxs.

A estrutura do Reencontro contou com uma Mística de Acolhida, um momento de “fazer memória” dos pontos-chave do ENJEL, sua ressonância e caminhada nas comunidades locais. Seguimos para avaliação do momento atual do Brasil, quais as questões-chave e possibilidades de agir diante desse contexto. Finalizamos com uma Mística voltada para a renovação da vida, a partir dos quatro elementos fundamentais (terra, água, fogo e ar), partilha da Palavra sagrada, do pão e acolhida amorosa dos participantes. Partilhamos, portanto, algumas chaves de leitura e diálogos, a fim de nos inspirar, nutrir, provocar, convocar e darmos as mãos no dia a dia.

Sobre o Bem Viver e o impacto do ENJEL em nossas vidas e comunidades

1. A presença de movimentos diversos no ENJEL trouxe provocações, respeito às diferenças, ações na pluralidade, e o desafio de ‘sair das bolhas’.
2. Essas mudanças de perspectivas transformaram não apenas o olhar e o pensar, mas também o jeito de encarar as diferenças e as dificuldades para o diálogo verdadeiro, começando com a família, a comunidade mais próxima, mantendo uma atitude e uma linguagem de não-violência.
3. Ocorreram em todo o Brasil processos de solidariedade, e muitos inspirados no Bem Viver,. Também observamos processos de formação temáticos sobre o BEM VIVER, em muitos fóruns, grupos, comunidades.
4. É um processo, uma construção coletiva que convoca à superação das lógicas capitalistas, imperialistas, colonizadoras, desumanizantes nas quais estamos imersxs. É uma desconstrução também do chão onde vivemos, produzimos conhecimento e economias.
5. Somos PONTES e construtores de PONTES – pensarmos juntos nas mediações a serem mantidas, na lógica interna de cada uma delas, avaliando sempre na direção do BEM VIVER.
6. Estarmos atentos a nos incluirmos nos processos de CIDADANIA ativa, tanto local como global, pensando em ferramentas que contribuam com a repercussão do diálogo aberto, intercultural, interseccional, ecumênico.
7. Não descuidarmos dos RITOS/LITURGIAS – são fontes de nutrição, revisão, abertura de dimensões e caminhos.
8. Aproveitarmos os conceitos que corroboram com o BEM VIVER – casa comum, cuidado, decolonização, redes, cooperação, colaboração, mandato coletivo.

Estamos conscientes de que é necessária a autocrítica com relação ao que ‘erramos’, onde deixamos de ‘olhar’, de cuidar, quais foram os equívocos deste tempo histórico-político-social (poder da internet, busca evangélica por hegemonia, polarização da esfera pública).

Sobre o CONTEXTO NACIONAL - o que entendemos que aconteceu?

1. Produção de FAKE NEWS como determinante de um projeto global de desinformação e controle. Estratégia bem articulada e financiada de gestão “da verdade”.
2. Dualismo e messianismo como fundamentos teológico-filosóficos que deram embasamento à manipulação do político, e que ajudaram a configurar os diferentes atores/atrizes envolvidas.

- Investimento no imaginário da descONFIANÇA e gestão política do MEDO – paralisação de energias, bloqueio do diálogos, da escuta, e de ações de cidadania.

A Democracia sempre esteve em disputa. Nunca nos foi dada.

Uma dificuldade enorme da esquerda é lidar com as vozes internas dissonantes, buscamos rapidamente consensos e abafamos as divergências e as críticas.

Desafios para caminhar

- Precisamos fazer a AUTOCRÍTICA – olhar para nossas ações, nossa linguagem e seus vícios. É preciso repensar a linguagem que usamos (estamos acostumadxs com uma estética de guerra). Assim como é fundamental fortalecer a escuta (que foi prática eficaz no movimento ‘vira voto’).
- REENCANTAR as UTOPIAS, potencializar o que já sabemos que está tendo impacto, mapear os aliados, cultivarmos e cuidarmos de NOVAS PARCERIAS, FORMAÇÃO de nova BASES que estão dispostos ao encontro, à formação, à espiritualidade ecumênica e aos exercícios de cidadania em todos os níveis, inclusive à disputa eleitoral
- Aprender com quem CONSEGUIU –romper o discurso ideológico, reconstruir – trocar saberes e formação, incluindo uma formação na pedagogia da cidadania, integrando fé e política.
- Apostar em novos modelos de fazer incidência. Mandatos coletivos, por exemplo, tem sido estratégicos.
- Necessidade de mais atenção com os mais próximos – cuidar de quem cuida. A conjuntura propiciou vivências desgastantes e tristes, nos fragilizou. Diante disso, pensar em formas de acionar a espiritualidade, a memória, a tradição, e a ética para sabermos onde, com quem e como vamos reconstruir nossa esperança.

Convidamos você a se juntar com parcerias, sua comunidade, seu grupo, e conversarem sobre esses pontos que foram elencados, com escuta atenta, trocas, e juntxs pensarem em um PLANEJAMENTO, um PROCESSO, um CAMINHO para trilharem - caminhos de nutrição, formação, apoio mútuo, espiritualidade, discernimento. Cada um/uma de nós é fundamental neste caminho, não estamos sozinxs: a história que nos trouxe até aqui, segue através de nós, e vai muito além!



Podemos ouvir a Palavra de Deus?

Sim, Ela sopra, ecoa, ressoa, do fundo da terra, nos ventos, nos ares, nos corações que pulsam, nas vidas-fonte que se foram.

É nossa terra e nosso ar, é nossa raiz e nossa copa, é nosso ser mais profundo e também a convocação que vem no dinamismo de um povo que sofre e sonha. Nesse dinamismo, nosso povo sofre e sonha.

Sofre injustiças e sonha com um mundo de justiça.

Sofre desumanidade e sonha com a fraternidade.

Sofre com as desigualdades que violentam a dignidade da vida e sonha com o bem viver que a todos abraça igualmente.

A Palavra que brota da terra e convoca pelo ar cria as possibilidades, renova estratégias,

avalia e propõe as pequenas realizações históricas em um chão nada iludido, ao contrário,

construído no amadurecimento que vem da luta cotidiana, do chão ensanguentado e dolorido,

mas também dos sinais de semente e fecundidade que alimentam e animam a esperança.

Tu vens, tu vens, eu já escuto os Teus sinais.

Com imenso carinho

*Rosemary Costa e Maryuri Grisales
(em nome de toda a equipe do Reencontro)*

